

18° Congresso Brasileiro de Sociologia
26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

Grupo de Trabalho 23 – Sociologia da Cultura

**Gordura e Feminilidade: Apontamentos sobre Beleza e Inclusão na
Cultura Contemporânea**

Karen Grujicic Marcelja

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (SP)

Gordura e Feminilidade: Apontamentos sobre Beleza e Inclusão na Cultura Contemporânea

Resumo:

A revisão bibliográfica aponta para uma compreensão de que o aumento da incidência do sobrepeso e da obesidade, independentemente da faixa etária e classe social, se traduz na relação dos indivíduos gordos a estereótipos negativos, ou seja, a características que os inferiorizam ou os excluem no convívio em sociedade.

Em um olhar que abrange retrospectiva histórica da mídia e questões emocionais ligadas à obesidade, este texto fará uma breve análise de como as mulheres são atingidas pela preocupação com o peso em aspectos estruturais do gênero, como a feminilidade, a sexualidade e a maternidade.

Palavras-chave: obesidade;feminilidade;estigma.

Introdução

“Estrelas de Hollywood, Jennifer Aniston, Mirella Santos, Lady Gaga e até a diva Madonna já testaram a dieta da papinha de nenê. O método consiste em ingerir até 14 potes de papinhas de sabores sortidos, como grãos, frutas e legumes. À noite, recomenda-se a ingestão de alimentos com baixo teor calórico.”¹

¹ Disponível em <http://corpoacorpo.uol.com.br/dieta/dieta-de-emergencia/dietas-da-moda-mitos-e-verdades/dieta-da-papinha-de-nene/1412/2#>, acessado em 4 de maio de 2016.

A recomendação, retirada de uma revista feminina, é apenas mais uma entre as dezenas, centenas, talvez milhares que integram o repertório daquilo que é o sonho de quase toda mulher: a perda de peso rápida. Não é preciso ir além da banca da esquina ou ter TV a cabo para encontrar receitas de pílulas com ingredientes suspeitos e eficácia duvidosa, regimes radicais e “definitivos”, exercícios infalíveis para queimar os excessos e por aí vai. E não basta que o ponteiro da balança recue ou que se apresente um corpo saudável: é preciso, sobretudo, ter a aparência desejada, o que inclui atributos como juventude, pele alva, cabelos lisos, nariz fino... Em nossa cultura, acostumada a rotular os indivíduos conforme sua aparência, não é suficiente combater o sobrepeso – é preciso, também ter corpo firme, musculoso e definido (Lipovetsky, 2000). Problemas com a má aparência, e em primeiro lugar com a gordura, são considerados os piores tipos de desleixo com o corpo. São, por conseguinte, concebidos como uma transgressão moral, traduzindo um modo inadequado de relacionamento com o corpo, no qual estão excluídos: exercícios físicos regulares, esforço, disciplina, persistência, obstinação e autoestima, características tão estimuladas em nossa sociedade Pós-Moderna. A beleza, por muito tempo tida como dádiva da natureza, hoje recai muito mais sobre esforço individual do que sobre o acaso da natureza, a ponto de as qualidades estéticas estarem associadas a determinadas formas de conduta pessoal. Nada mais associado à beleza, porém, do que a feminilidade. Cuidar de si é algo *próprio* das mulheres, como se ainda na infância elas já compreendessem que lhes cabe o papel de agradar, buscar admiração, reconhecimento e aprovação social por meio da aparência. Com efeito, diz Novaes, “*os cuidados físicos revelam-se, invariavelmente, como uma forma de se estar preparado para enfrentar os julgamentos e expectativas sociais (2006:99)*”. Assim, o investimento feito na aparência vincula-se à visibilidade social que se deseja alcançar.

Ao longo dos anos, as revistas e a mídia de forma geral vêm emplacando métodos de emagrecimento que, se não resolvem a questão, ao menos atraem o interesse de quem está disposto a tentar – e gastar dinheiro – com essas tentativas. A frivolidade e a banalidade com que esses temas são

apresentados cotidianamente trazem a impressão de que a aparência é assunto superficial. No entanto, as discussões que a envolvem costumam acompanhar grande carga ideológica. A regra do ciclo de consumo é sempre procurar alvos que fogem do padrão, a quem as recomendações e anúncios possam ser destinados – e o que foge mais dele, na atualidade, do que a gordura?

O dever da beleza

O corpo ideal ocupa posição de destaque entre as preocupações que nos atingem na Pós-Modernidade. Saúde perfeita, aparência jovem, beleza conforme os padrões e, principalmente, a magreza são hoje desejo e objeto de consumo, veiculados na mídia, prometidos pela medicina e vendidos por uma indústria cada vez mais abrangente e poderosa. Não por acaso, o corpo concentra discursos dos mais variados, que vão do estilo de vida às questões de gênero. Essa multiplicidade de temas, no entanto, é uma via de mão dupla: ao se submeter às mais diversas influências, o corpo também influencia a dinâmica geral da sociedade. A Pós-Modernidade, caracterizada pela fragmentação de ideologias e de relacionamentos, vive uma grande valorização da aparência e da postura corporal. Se antigamente a aparência denotava muito mais a identidade social do que a individual, hoje os modos de vestir e as práticas corporais sofrem influências como pressões de grupo, propaganda, recursos socioeconômicos e outros fatores que promovem mais a padronização do que a diferença individual. Para Giddens, *“nos ambientes pós-tradicionais da alta modernidade, nem a aparência nem a postura podem ser consideradas definitivas; o corpo participa de maneira muito direta do princípio de que o eu deve ser construído”* (2002:96).

Essa construção do corpo conforme padrões e desejos individuais enfatiza a possibilidade de identidades mutáveis. Temos, hoje, um mundo de opções abertas, o que faz o indivíduo ser responsável por ele mesmo. Por outro lado, essa liberdade pode ser também fonte de angústias, uma vez que nem sempre é fácil ou possível controlar os critérios que definem a aparência. De acordo com Castro, *“o corpo torna-se elemento central na busca de*

sentidos e referências mais estáveis, talvez por constituir-se em único domínio ainda controlável pelos indivíduos” (2007:16). É nesse sentido que práticas corporais como tatuagens, cirurgias plásticas, musculação e outras promovem a inclusão identitária do sujeito, ao mesmo tempo em que representam um mecanismo de controle sobre seu corpo. Em resumo: na lógica da sociedade de consumo, em que o ser é definido pelo ter, o corpo pode estar associado a uma ou outra posição social. Para pertencer ao grupo desejado, é preciso ter o corpo associado a esse grupo. A todo instante, vemos nos meios de comunicação, no cinema, na publicidade e na mídia em geral ideais subjetivos que associam à aquisição desse corpo à aquisição de bem-estar e status – ou seja, à filiação à tribo desejada. A relação entre consumo e corpo não é recente; desde meados do século XX, a publicidade e o cinema se empenham em criar e manter corpos que sejam objeto de desejo e, portanto, consumo – geralmente, jovens, magros e sedutores. Trata-se da aplicação prática daquilo que Marcel Mauss (1974) chamou de “imitação prestigiosa”, ou seja, a reprodução de corpos e comportamentos considerados exitosos em cada cultura. Segundo o autor, o corpo é uma construção cultural, que varia conforme cada sociedade e cada época. Podemos dizer que modelos, atores, esportistas e, mais recentemente, blogueiros e *youtubers* se encaixam nesse conceito, uma vez que inspiram jovens mundo afora a seguir seus hábitos, roupas e estilo de vida.

A construção do corpo ideal remonta ao final do século XIX, quando a prática de dietas e esportes com o fim de melhorar a aparência ganhou popularidade. Já estava claro que a gordura era uma queixa bastante comum, uma preocupação quase que banal na era vitoriana. Além disso, todo o contexto histórico-social indicava que uma nova estética cultural estava prestes a surgir, com abordagens diferentes da política e da ética do comer. Sabemos que na Antiguidade já havia a recomendação de comer moderadamente e praticar atividades físicas, inclusive para a prevenção e recuperação de doenças, mas foi por volta de 1890 que os cuidados com o corpo passaram a ser “obrigatórios” no cotidiano, especialmente para as mulheres. Nunca antes o peso havia sido tema de tantas discussões nem os obesos haviam sofrido tanto preconceito. É preciso lembrar que essas preocupações foram reflexos em

contextos sociais da revolução tecnológica que se via principalmente na Europa e nos Estados Unidos. Não só a indústria avançava, buscando mais eficiência e mecanização, mas também a medicina se debruçava sobre o metabolismo e as possíveis formas de controlar o peso corporal. Além disso, não menos importante, a fotografia se popularizava, o que acabou por eleger padrões de beleza. Se até pouco tempo antes o corpo belo e sedutor era aquele mais farto e flácido, agora ele era mais rijo e contido por espartilhos. Apesar das preocupações higienistas alimentarem a moda da gordinha por séculos – engordavam-se as mulheres muito magras para evitar que ficassem anêmicas ou histéricas –, apontam Del Priore e Freire, a obesidade começava a provocar interjeições negativas. As transformações vieram com o século XX:

Desde o início do século, na Europa, multiplicavam-se os ginásios, os professores de ginástica, os manuais de medicina que chamavam a atenção para as vantagens físicas e morais dos exercícios. (...) Na Europa, de onde vinham todas as modas, a entrada da mulher no mundo do exercício físico, do exercício sobre bicicletas, nas quadras de tênis, nas piscinas e praias, trouxe também a aprovação dos corpos esbeltos, leves e delicados. (..) O estilo 'tubo' valorizava curvas graciosas e bem lançadas. Regime e musculação começavam a modelar as compleições esguias que passam a caracterizar a mulher moderna, desembaraçada do espartilho e ao mesmo tempo de sua gordura decorativa. (...) Insidiosamente, a norma estética emagrece, endurece, masculiniza o corpo feminino, deixando a 'ampulheta' para trás (2005:221).

A feminilidade, outrora traduzida em trejeitos e vestimentas finas, agora ia além: era preciso que o corpo acompanhasse essa delicadeza, sendo alvo, leve e fino. Os corpos que fugiam desse padrão eram alvo de exclusão, estimulado pela força que a publicidade e os meios de comunicação já começavam a ganhar. Sant'Anna lembra que a publicidade anterior aos anos 1950

não hesita em descrever detalhadamente os sofrimentos resultantes da falta de beleza. Vítima do acaso, uma 'coitada' alvo de todo tipo de chacota, a mulher considerada feia é uma figura extremamente importante para as didáticas ilustrações publicitárias do passado. Nelas, a imagem da feia serve como um contra-exemplo,

como aquilo que se é antes do uso do produto anunciado.
(2005:127)

A percepção cultural do que é um corpo em forma é bastante complexa e não se restringe ao que aponta a balança ou determinam as ciências da saúde. No caso do corpo acima do peso, a percepção feminina destaca que ele acarreta aspectos negativos como a incapacidade de atrair sexualmente um homem, o descontrole aparente sobre o próprio corpo e a fantasia recorrente de como o corpo e a vida seriam melhores depois da perda de peso. Bourdieu aponta que os homens, geralmente, apresentam insatisfação com partes do corpo que consideram pequenas, ao passo que as mulheres criticam o que consideram grandes demais: seios, nádegas, quadris, coxas etc. Para ele, a “dominação masculina”, que faz das mulheres objetos simbólicos, tem por efeito colocá-las em um estado de perene insegurança com o próprio corpo. Elas existem para o outro, em primeiro lugar, como objetos receptivos, atraentes e disponíveis. Ou seja: espera-se que sejam femininas, o que significa serem bonitas, submissas discretas e contidas. Nesse contexto, a magreza contribui fortemente para a concepção de feminilidade, uma vez que se traduz em fragilidade.

A estigmatização da obesidade afeta muito mais as mulheres do que os homens pelo fato de que elas estão mais submetidas às normas da estética corporal. Muitas vezes, antes das preocupações com a saúde, são razões de ordem psicossocial e estética que as fazem querer perder peso, como a vontade de agradar aos outros e a si própria, cuidar do seu grau de *sex appeal* ou sentir-se melhor. Poulain lembra que, em números absolutos, diversas pesquisas demonstram que a quantidade de pessoas sem problemas com peso que se preocupam com sua corpulência e desejam emagrecer é praticamente a mesma de pessoas obesas que precisam, de fato, perder peso (2013: 119). A luta contra a obesidade passa a ser a luta contra o sobrepeso, às vezes de alguns poucos quilos, o que pode caracterizar uma obsessão. Para um bom número de adolescentes ocidentais, aliás, fazer regime – seja qual for seu peso – faz parte do que se espera de uma mulher. Aderir a uma dieta restritiva é vista por muitas como um sinal de maturidade.

Os padrões de beleza que se baseiam na magreza atingem também a maternidade. A todo instante, como veremos adiante, revistas e sites publicam matérias com mães famosas que voltaram à antiga forma poucos dias após o parto, algumas até mais magras do que antes da gravidez.

A feiura esteve sempre relacionada à idade, ao excesso ou falta de peso, à cor da pele, ao tipo de cabelo, aos traços étnicos e a muitos outros padrões que foram mudando conforme as épocas e as culturas. Neste trabalho, consideramos um “conceito” mais moderno, porém bastante subjetivo: em uma época com tantos recursos disponíveis na maquiagem, nos salões de beleza, nas clínicas de estética ou nos consultórios médicos, feiura seria a falta de cuidados com o próprio corpo, o que segue a velha máxima do “só é feia quem quer”.

Temos, portanto, mais um fator para corroborar a ideia de que a beleza ou a feiura são qualidades que dependem de merecimento, ou seja, do esforço individual – e isso contempla, principalmente, a vaidade e a autoestima. Agora, já não basta ser bela: é preciso também ser feliz, ou, ao menos, transparecer felicidade.

Esse imperativo deve-se muito à popularização de Hollywood e das revistas femininas. No Brasil dos anos 1950, títulos como *Querida* e *Capricho* traziam páginas e páginas sobre os conselhos de beleza das divas, sempre em tom de conversa íntima, revelando “segredos” e prometendo que não valia a pena sofrer por falta de beleza. Desde então, a beleza passa a ser vista como uma conquista. Os produtos, antes confundidos ou mesmo tratados como remédios, agora adquirem outro poder, graças à publicidade. Cremes, loções e itens de maquiagem recebem uma roupagem que os torna capazes de influenciar o psiquismo das mulheres, deixando-as bonitas e satisfeitas com elas mesmas. A publicidade abandona a imagem da mulher sofredora, e os anúncios passam a dar, cada vez mais, destaque às imagens do que ao texto. “O importante é ressaltar a imagem da mulher bela, que, desde então, ousa reinar sozinha, em fotografias coloridas, ocupando páginas inteiras de revistas, sem tristeza e, sobretudo, sem passado” (Sant’Anna, 2005:129). Com tudo isso, parecia não haver mais segredos de beleza, já que tudo passava a ser

acessível às mulheres. Não só as da elite tinham acesso a perfumes, cosméticos e outros produtos – agora, esses itens estavam ao alcance de secretárias, professoras, funcionárias públicas e donas de casa. Também não havia mais um momento específico para se tornar bela; era preciso fazê-lo cotidianamente, em um esforço frequente contra a feiura. Assim, em meados do século passado, recusar o embelezamento era uma negligência feminina. Segundo a autora, os defeitos da aparência eram resultantes unicamente de problemas individuais, que iam da falta de confiança em si mesma às frustrações secretas e inconscientes (2005:129). Esse julgamento cabia a todas as mulheres; no caso das mais velhas, por exemplo, os sinais da idade passavam a ser vistos muito mais como um “estado de espírito” passível de correção do que algo natural do decorrer dos anos. Buscar e manter a boa aparência, o vigor, a juventude e a magreza tornaram-se deveres pessoais. Lipovetsky aponta que, nos dias de hoje, a estética da magreza ocupa um lugar preponderante no que é considerado belo:

Que mulher, em nossos dias, não sonha ser magra? Mesmo as que não apresentam nenhum excesso de peso por vezes desejam emagrecer. (...) Vê-se uma proporção não desprezível de americanas afirmar que o que mais temem no mundo é engordar. (...) Já não se concebe a conquista da beleza sem a esbeltez, as restrições alimentares e os exercícios corporais. (2000: 133)

Naomi Wolf, autora do clássico feminista *O Mito da Beleza*, afirma que as dietas e a magreza começaram a ser preocupações femininas quando as mulheres ocidentais conquistaram o direito ao voto, em torno de 1920. Nos anos 1950 as curvas e formas cheias naturais puderam ser apreciadas uma última vez, porque as mentes dessas mulheres estavam ocupadas na reclusão doméstica do pós-Guerra. No entanto, diz a autora, “*quando as mulheres invadiram em massa as esferas masculinas, esse prazer teve de ser sufocado por um urgente dispositivo social que transformaria os corpos femininos nas prisões que seus lares já não eram mais*” (1992:244).

Já com o excesso de peso o tratamento era ainda mais rigoroso, o que nos leva a crer que, lembrando o conceito de biopoder e corpos docilizados de

Foucault, a balança é o panóptico da contemporaneidade. A noção de disciplina elaborada pelo autor é fundamental para o entendimento da questão aqui posta. Em *Vigiar e Punir* (1991), ele aponta que uma das características das sociedades modernas é o surgimento de técnicas disciplinares aplicadas diretamente sobre os corpos, além da descoberta do corpo como objeto e objetivo do poder. Os chamados dispositivos disciplinares, de caráter coercitivo e repetitivo, têm a missão de produzir corpos dóceis e obedientes que podem ser utilizados, transformados e aperfeiçoados conforme a necessidade e o contexto. Para Foucault, a eficácia desses dispositivos é que eles não precisavam ser necessariamente impostos por uma autoridade ou instituição, em uma relação vertical descendente: ao contrário, elas já eram incorporadas pelo próprio indivíduo, que passava a exercer um controle e uma vigilância sobre si mesmo.

Partindo dessa noção de docilização dos corpos, práticas como dietas de emagrecimento, ginástica, cirurgias e tratamentos estéticos, além do uso de maquiagem, depilação e adornos corporais e das formas de expressão verbal e corporal seriam resultado de técnicas disciplinares que visam produzir um corpo que, em aparência e gestos, seja socialmente reconhecido como feminino (Betti, 2014:149). Logo, essas práticas são disciplinares no sentido de que ensinam as mulheres que seus corpos podem ser mudados ou até transformados por elas mesmas. A disciplina consiste em inculcar no próprio indivíduo o autocontrole e vigilância permanentes.

Essas práticas que produzem corpos femininos são frequentemente consideradas banais; no entanto, passam longe disso. Na realidade, elas evidenciam o quanto é esperado que as mulheres se esforcem para parecerem bonitas e atraentes e mantenham uma aparência sempre jovem, livre de pelos, rugas ou marcas como cicatrizes, manchas, celulites e estrias. O corpo deve, sobretudo, ser firme e magro. Quando não corresponde a essas “obrigações”, a mulher é vista como negligente consigo mesma e como alguém que “não cuida de si”.

Se fosse possível falar em representação platônica da feiura, aponta Novaes, ela conjugaria a ideia de excesso, desequilíbrio, desmedida, caos,

enfim, tudo aquilo que se opõe à beleza, sendo, portanto, uma qualidade ruim. *“Em contraposição, como era de se esperar, temos a beleza associada ao bem e às virtudes do caráter, ou seja, à simetria, ao equilíbrio, à proporção, à ordem e ao esplendor”* (2006:245). Desde a Antiguidade a feiura é associada a pessoas que apresentam desvios de conduta. A percepção social julga o corpo gordo como resultado da preguiça, do desleixo, da indisciplina, da improdutividade e da falta de amor próprio e como contrário a tudo o que se encaixe nos conceitos de saudável e “normal”.

A obesidade incomoda, talvez mais a sociedade do que o próprio gordo. De acordo com Fischler,

os gordos são considerados transgressores; eles parecem violar constantemente as regras que governam o comer, o prazer, o trabalho e o esforço, a vontade e o controle de si. Dito de outro modo, o obeso (seu corpo o trai) passa por alguém que come muito mais do que os outros, mais do que o normal, numa palavra: mais do que a sua parte (2005: 74).

Segundo o autor, países que no passado amavam os gordos, por ser a gordura associada à prosperidade e à saúde, hoje amam os magros. O corpo bem feito, forte, com uma rotundidade razoável, era preferido ao magro, que denotava escassez, fraqueza e doença.

A gordura estimula tal repulsa na sociedade contemporânea que é possível dizer que se trata de um “monstro” moderno. Adotamos, aqui, a noção de que monstro é definido como algo que foge à norma e afronta, ou coloca em questão, a norma do humano. Landa, Leite Jr, Torrano afirmam que

A obesidade, do ponto de vista médico, se configura tanto como uma fonte de enfermidades e de riscos (incluindo a manifestação de disposições subjetivas de marginalização social), quanto como ameaça somático-política que atenta contra a crença sanitário-empresarial da (auto)liderança individual e comunitária. A volumosidade, flacidez e carnalidade amorfa do corpo obeso se constituem em marcas somáticas que confessam, através do registro visual, a transgressão dos cidadãos biológicos, que se apresentam em sua condição de desvio radical entre os limites do humano/não humano. (Landa, Leite Jr, Torrano 2013: 94)

Os autores acreditam que o corpo obeso perturba tanto porque o monstro em questão é um “interior externalizado”, ou seja, é a alteridade absoluta do humano e faz parte do interior de cada um de nós. A obesidade afeta de tal forma a vida de quem a possui que muitos chegam a acreditar que essa característica física se reflete também na personalidade do indivíduo, em razão de questões emocionais como a sensação de humilhação, desmoralização, vergonha ou deslocamento. Não é raro que o tratamento da obesidade inclua antidepressivos ou recomendação de exercícios leves, suficientes para trazer mais a sensação de bem-estar do que a queima de calorias. Tudo isso, segundo os autores acima citados, justifica a progressiva patologização da obesidade e inclusive sua classificação. O IMC (índice de massa corporal), hoje, é uma avaliação aceita mundialmente como o método mais eficaz de se determinar o grau de obesidade de uma pessoa. Este índice é calculado dividindo-se o peso em quilos pela altura em metros ao quadrado. Métodos como esse permitem diferenciar os grupos normais dos patológicos no interior de uma população específica, e assim justificar a implementação de políticas de saúde e prevenção da obesidade (2013:98). Naturalmente, há críticas a esse tipo de índice, uma vez que homogeneiza as categorias e reduz sua complexidade, além de ignorar diferenças conceituais e neutralizar variações no interior das categorias recebidas. Até pouco tempo atrás, também no cotidiano a distinção entre robustez e obesidade era mínima. Hoje, chegamos a ter “categorias” para o peso, como magro, gordinho, robusto, gordo, obeso, obeso mórbido etc, que seguem critérios muitas vezes subjetivos, que variam conforme o apreço pela pessoa, a aparência, a idade e outros fatores. De qualquer forma, *“era preciso sem dúvida, no passado, ser mais gordo do que hoje para ser julgado obeso e bem menos magro para ser considerado magro”* (Fischler, 2005:79).

Para as mulheres, no entanto, essas categorias parecem não importar: a gordura se apresenta, no imaginário contemporâneo, como a forma mais representativa de feiura. Talvez por isso, a preocupação com excessos de 2kg, 5kg, 10kg, 20kg ou mais tenha a mesma intensidade. Em pesquisa que entrevistou mulheres candidatas à cirurgia bariátrica, Novaes averiguou que

muito das falas traziam certo ressentimento por elas não se considerarem bonitas o suficiente para atrair a atenção do sexo oposto. A autora tratou a questão como “olhar social que dessexualiza as pessoas gordas”. De acordo com ela, *“encaradas como aversivas, por não serem esteticamente agradáveis, lhes atribuímos o papel de ridículos-palhaços, negando-lhes o direito a uma vida amorosa e sexualmente ativa”* (2006:191). É frequente, entre as entrevistadas, o sentimento de inadequação e ridículo ao qual as pessoas gordas sentem-se expostas. Muito dessa sensação se refere ao mundo da moda, já que ainda são poucas as marcas nacionais que se interessam em trabalhar com tamanhos maiores, ao contrário do que ocorre, por exemplo, nos Estados Unidos.

A falta de opções com manequins específicos para o público obeso ou revistas com modelos gordas vestindo roupas sensuais e da moda acaba resultando em uma dessexualização das pessoas gordas, além, é claro, de uma segregação. A moda apenas reforça o que se vê, desde sempre, no cinema, na televisão e em outros meios. Apenas as pessoas esteticamente perfeitas são “aptas” a ter histórias de amor e relações sexuais, quase sempre satisfatórias. São raras as ocasiões em que gordos, feios, pessoas com deficiência ou velhos aparecem nessas situações. Nosso imaginário não está habituado a ver os feios vivendo esse tipo de realização, o que nos leva a associar a sensualidade à beleza e a glorificar a “tríplice aliança” formada por beleza, magreza e felicidade. Mais grave é algo que ocorre com frequência: o obeso demonstrar olhar preconceituoso e estigmatizante a seu próprio respeito, utilizando termos depreciativos e estereótipos em seu discurso.

Maternidade e emagrecimento

Ao contrário do que aconteceu em quase toda a história da Humanidade, quando o destino da mulher era, basicamente, ter filhos e cuidar da família, hoje e maternidade é apenas mais um papel a ser desempenhado na vida contemporânea. Apesar de ser uma das fases mais importantes da vida de uma mulher (senão a mais importante), ela já não “deve” mexer com a rotina tanto quanto antigamente. A carreira pode ser pausada, mas não encerrada; a identidade pode ganhar o papel de mãe, mas jamais deixar de lado o de

esposa ou namorada, e assim sucessivamente. Com o corpo não é diferente, mesmo sendo um corpo novo em formas, funções e significados. A busca frenética e incessante de uma estética da magreza condiciona a identidade feminina à imagem do seu corpo.

Para Novaes, essa visão social da magreza (quando não política) oculta, geralmente, a dimensão de medicalização do corpo feminino: “*criou-se um verdadeiro campo patológico da gravidez associado à gordura*” (2006:212). Os quilos a mais, além de feios, são nocivos e precisam ser exterminados. A todo instante, revistas e sites publicam matérias com mães famosas que voltaram à antiga forma poucos dias após o parto, algumas até mais magras do que antes da gravidez. No caso de uma publicada pelo portal Terra, há inclusive um *ranking* com 18 celebridades, que apontava o número de semanas que elas levaram para voltar à antiga forma. As vencedoras não demoraram mais do que quatro semanas, como diz o texto sobre uma atriz americana:

Claire Danes: 4 semanas - Manter-se ocupada com os afazeres da maternidade tem feito maravilhas para Claire Danes. Pouco mais de um mês depois de dar à luz ao filho Cyrus, em dezembro de 2012, ela surgiu magérrima no tapete vermelho do prêmio Globo de Ouro, usando um vestido da grife Versace².

A busca frenética e incessante de uma estética da magreza condiciona a identidade feminina à imagem do seu corpo. Os quilos a mais, além de feios, são nocivos e precisam ser exterminados. As marcas muitas vezes deixadas pela gestação, como estrias, manchas, varizes e flacidez, devem ser combatidas logo que o bebê nasce (ou até antes, como prevenção), pois são responsáveis pelo envelhecimento e pelo prejuízo às formas duramente conquistadas. Mesmo com toda a carga hormonal da gravidez e com todas as mudanças que ela traz para a vida da nova mãe, gordura ainda equivale à doença. Não faltam estímulos para que se acredite nisso, como no texto sobre a fisiculturista Bella Falconi:

² Disponível em <http://beleza.terra.com.br/corpo-em-forma/antes-e-depois-da-gravidez-veja-18-famosas-que-voltaram-a-boa-forma,07efdba493cd1410VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>, acessado em 23 de outubro de 2013.

Bella engordou 13 kg durante a gravidez de Victória. Três dias após o parto, a musa já tinha perdido grande parte do inchaço e da barriga. O resultado nove dias depois é surpreendente. Ela já perdeu 7 kg daqueles que ganhou em 9 meses e conta que agora está se dedicando à maternidade e que, embora pretenda, ainda não sabe quando vai voltar a treinar e a ter uma alimentação mais restrita. (...) Com mais de quatro anos de preparação para campeonatos de fisiculturismo, Bella tem o metabolismo e o conjunto muscular preparado e muito bem treinado. Esses fatores certamente contribuíram para a sua rápida recuperação. Mas, a alimentação também é importante. Embora não esteja restringindo nenhum grupo de alimentar como fazia antes da gravidez, a atleta mostra em seu Instagram que opta por opções sempre saudáveis e controladas.³

Novaes cita Remaury ao afirmar que, na colonização do nosso imaginário, *“a obsessão purgativa se faria notar em tudo aquilo que aumenta o corpo feminino. E gravidez certamente aumenta o peso”* (2006:213). A julgar pela ênfase com que as novas mães “fitness” são exaltadas na mídia, maternidade e corpo enxuto ou bem delineado são categorias excludentes. A maternidade traz a perda da forma física e, com isso, sofrimento psíquico, como o fato do não-reconhecimento do próprio corpo no espelho.

É histórica a associação entre beleza e fertilidade, sendo as duas qualidades referentes à feminilidade. Tal como ocorre com a gordura, o arsenal de recursos para que a mulher recupere seu corpo após dar à luz faz com que ela só se mantenha feia se assim o desejar. Entramos, aqui, em outro grau de discussão: o do corpo que carrega uma história. O corpo desejado e anunciado é como um corpo em branco, sem marcas, sem passado, sem algo a contar. É a valorização de um corpo oco, totalmente entregue às regras estéticas vigentes. Tratado apenas como “bumbum durinho”, “seios empinados” ou “barriga chapada”, o corpo é visto desconectado, como um verdadeiro amontoado de partes soltas sem significado. Seu envelhecimento vai se dando

³ Disponível em <http://www.bolsademulher.com/famosas/como-esta-a-barriga-da-bella-falconi-9-dias-apos-o-parto-4-fotos-que-surpreendem>, acessado em 12 de maio de 2016.

somente com marcas das intervenções às quais foi submetido. No caso da maternidade, é interessante notar que as queixas sobre o corpo não costumam abranger o novo papel de mãe, e sim o antigo papel de namorada ou esposa – ou seja, o lado sexual. São os seios que murcharam e caíram ou a barriga que ficou mole e cheia de estrias, por exemplo. Recaímos aqui, novamente, na oposição entre gordura e sexualidade. O que está em questão, aparentemente, não é a realização pessoal ou o aspecto psíquico da maternidade, e sim a necessidade de atender a uma estética corporal tida como bela. O grau de angústia demonstrado com o excesso de peso indica o quanto a mulher depende do olhar de aprovação do outro, tanto para se sentir segura como para se sentir feminina.

Quando a grávida já é obesa, sua situação é um pouco mais complicada. Não se fala tanto em corpo, novas formas, cremes e loções antiestrias, ensaios fotográficos com destaque para a barriga ou outras questões que fazem parte do repertório tradicional de uma gestante. O foco, nesses casos, é um só: saúde. Para Tavares, *“a ideia de obesidade como risco óbvio revela uma especial moralização do corpo no que se refere à gestação, em que a mulher obesa é sempre vista como inapta ou menos capaz de ter uma gestação e parto tranquilos”* (2016:50). Sabe-se que a obesidade anterior à gestação pode trazer dificuldades na concepção e futura amamentação, além de aumentar riscos de problemas como nascimentos prematuros, diabetes gestacional e pré-eclâmpsia, entre outros. A realização de exames pré-natais e a inclusão de dieta e atividade física no dia-a-dia das gestantes obesas parece regra para que elas cheguem a um estilo de vida considerado saudável e responsável com ela mesma e seu bebê. Curioso notar que, finda a gestação, essas mães aparentemente não sofrem tanto a pressão pela volta do corpo magro ou a busca ansiosa por meios de apagar estrias e outras marcas deixadas na barriga ou seios. Um pouco de respiro em meio a tantas cobranças? Talvez, se repararmos que a pressão pela boa alimentação e eventualmente a culpa pela obesidade nos filhos pode recair sobre elas no futuro...

Considerações finais

O corpo é o centro das aspirações de perfeição e símbolo de uma sociedade evoluída. É nele que se dão as escolhas e possibilidades que temos na Pós-Modernidade. Somos donos dele, o último espaço para afirmarmos nossa liberdade, nossa opinião e nosso self. Podemos, sobretudo, aperfeiçoá-lo – e é aí que residem as angústias dos nossos tempos. A noção de que o corpo pode e deve ser aprimorado, embelezado e rejuvenescido motiva as mais diversas práticas, que acompanham os progressos na medicina, na dietética e na estética. O corpo deste início de século XXI é a imagem de nossa cultura: plástico, descartável, mutável. Nessa concepção, tudo o que destoa é excluído. A gordura é o maior exemplo disso, pois contraria a pressa e a produtividade que tanto caracterizam nossos dias. Se o imaginário cultural nos impõe gestos, comportamentos, hábitos e até mesmo vícios para que o sujeito seja reconhecido como integrante de certo grupo, o corpo é o maior símbolo dessa inserção. A possibilidade de fabricar o corpo conforme o grupo no qual se deseja ingressar significa, ao mesmo tempo, liberdade e prisão. Podemos engordar, emagrecer, tingir cabelos, aumentar seios, reduzir culotes... a beleza nos pertence, mas, para isso, temos de mantê-la. Mais que isso: temos de desejá-la e aparentar felicidade, que é algo a ela intimamente associado. Ou seja: de dever social (se conseguir, melhor), a beleza tornou-se um dever moral (se realmente quiser, eu consigo) (Novaes, 2006:29). O excessivo controle sobre nosso corpo pode, sim, deixá-lo mais atraente, mas corre-se o grande risco de inadequação e impotência diante das várias exigências sociais que enfrentamos no dia-a-dia. A impossibilidade de sentir-se bela e atraente e, assim, não desfrutar plenamente da sexualidade ou das novidades que a maternidade traz é algo custoso em nome do corpo da moda. O olhar do outro parece dominar a relação e justificar os mais diversos investimentos corporais – a exclusão social dos indivíduos obesos parece dar razão a isso. No entanto, é válida a importância que se dá a um corpo apenas plástico, sem história ou conteúdo? Até que ponto a experiência do corpo é modificada pela experiência da cultura? Até que ponto estamos dispostos a intervir no corpo em nome desse suposto bem-estar que a boa aparência traz? Em uma época cada vez mais dominada pelo consumo, pelos *selfies* e pelas imagens em alta definição,

questões como essa parecem cada vez mais longe de respostas tranquilizadoras.

Referências

CASTRO, A. L. Culto ao corpo e sociedade – mídia, estilos de vida e cultura de consumo. São Paulo: Annablume, 2007.

DEL PRIORE, M.; FREIRE, D.S. O corpo feminino e o preço da inclusão na cultura contemporânea. *Mnemosine*, Vol. 1, n. 1. Rio de Janeiro, 2009.

FISCHLER, C. Obeso benigno, obeso maligno. In: SANT'ANNA, D. B. Políticas do corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 69-80.

LANDA, M.I.; LEITE Jr, J.; TORRANO, A. *Gestão da monstruosidade: os corpos do obeso e do zumbi*. In: BONELLI, M.G. e LANDA, M.D.V. (orgs). *Sociologia e mudança social no Brasil e na Argentina*. Compacta: São Carlos, 2013.

LIPOVETSKY, G. *A terceira mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NOVAES, J.V. *Com que corpo eu vou? Sociabilidade e usos do corpo nas mulheres das camadas altas e populares*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Pallas, 2010.

SANT'ANNA, D. B. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.